

Sequências didáticas para ensino e avaliação de leitura de quadrinhos¹

Didactic sequences for teaching and assessing comics reading

Lucas Piter Alves-Costa²

Universidade do Estado de Minas Gerais

Mayara Victória dos Santos Oliveira³

Universidade do Estado de Minas Gerais

Arthur Schitine Siqueira Rodrigues⁴

Universidade do Estado de Minas Gerais



10.11606/2316-9877.Dossiê.2023.e216894

Resumo

Busca propor uma sequência didática para o ensino e avaliação de leitura crítica de quadrinhos, atendendo a algumas habilidades previstas na BNCC. A metodologia tem por base a Análise do Discurso Semiolinguística (Charandeau, 2008), com apropriações teóricas de Ramos (2009), Groensteen (2015), Joly (2007), Kleiman (2002), Dell'Isola (1996), Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004). O material usado para a sequência didática é uma charge de autoria de Mau. Defendemos que o percurso de leitura tem como fim não apenas a compreensão, mas a significação do mundo. Os resultados sugerem que trabalhar leitura de quadrinhos nas escolas ainda é um desafio, devido à falta de familiaridade com o sistema semiótico desses gêneros.

¹ Apresentado na Seção Temática 23 - "Quadrinhos e Educação", em 25 ago. 2023. O artigo traz resultados dos seguintes projetos de pesquisa: 1) "A emergência da autoria em traduções intersemióticas: uma análise discursiva de histórias em quadrinhos originadas de obras literárias", desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG, 2022-2023); 2) "A polissemia da imagem: uma análise semiolinguística do silêncio n' O Quinze em quadrinhos", com apoio pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG – PAPq/UEMG, 2022-2023; e 3) "Além do corpo, aquém do nome: Um estudo sobre a autorialidade de Laerte Coutinho", com apoio pelo Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ/UEMG (2022-2023). A apresentação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x-H-I5DrCiM>. Acesso em: 25 out. 2023.

² Professor nível VI-A na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Carangola. Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Produtividade PQ-UEMG. E-mail: alvescosta.jp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3139-9424>.

³ Graduanda em Letras na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola. Bolsista PIBIC-FAPEMIG. E-mail: mayara.1294340@discente.uemg.br. ORCID: <http://lattes.cnpq.br/5316888052081351>.

⁴ Graduando em Letras na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Carangola. Bolsista PAPq-UEMG. E-mail: arthur.1293667@discente.uemg.br. ORCID: <http://lattes.cnpq.br/9203544432845894>.

Palavras-chave: Sequência didática. História em quadrinhos. Ensino de leitura. Análise do discurso. BNCC.

Abstract

It aims to propose a didactic sequence for the teaching and evaluation of critical reading of comics, considering some skills foreseen in the BNCC. The methodology is based on Semiolinguistic Discourse Analysis (Charandeau, 2008), with theoretical appropriations from Ramos (2009), Groensteen (2015), Joly (2007), Kleiman (2002), Dell'Isola (1996), Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004). The material used for the didactic sequence are a cartoon by Mau. We defend that the course of reading aims not only at understanding, but at giving meaning to the world. The results suggest that reading comics in schools is still a challenge, due to the lack of familiarity with the semiotic system of these genres.

Keywords: Didactic sequence. Comics. Reading teaching. Discourse analysis. BNCC.

Introdução

O objetivo deste trabalho é propor uma sequência didática para o ensino e avaliação de leitura crítica de quadrinhos, atendendo a algumas habilidades previstas na BNCC. A metodologia tem por base a Análise do Discurso Semiolinguística (Charandeau, 2008), com apropriações teóricas da Quadrinhologia, de autores como Ramos (2009), Groensteen (2015); bem como de estudos da Semiologia, de Joly (2007); e, por fim, de autoras que estudaram a leitura, como Solé (1998), Kleiman (2002) e Dell'Isola (1996). A proposta teórica de uma sequência didática parte de Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004). Seus procedimentos metodológicos, aplicados aos nossos objetivos, consistem nas etapas: a) breve introdução sobre gêneros quadrinísticos; b) explicação sobre o gênero charge; c) proposta de leitura dirigida para as charges nos níveis da decodificação, da cognição, da interação; d) avaliação final da leitura no nível da significação/produção. O material usado para a sequência didática é uma charge de autoria de Mau, pseudônimo do cartunista Maurício Jorge, também conhecido como “Jorge O Mau”. Cartunista, chargista, quadrinista, tatuador e ilustrador. Seu trabalho pode ser conferido em seu site na internet⁵ e suas páginas no Instagram⁶.

As habilidades da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil,

⁵ Disponível em: <https://jorgeomau.art/>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁶ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/telejornalien/> e <https://www.instagram.com/jorgeomau/>. Acesso em: 14 out. 2023.

2018) visadas para a sequência didática proposta são EM13LP01, EM13LP02, EM13LP03⁷, voltadas ao Ensino Médio, que versam sobre a capacidade do leitor de analisar o texto e estabelecer suas relações intertextuais e interdiscursivas, bem como relacioná-lo às suas condições de produção, circulação e recepção. Também estão no horizonte habilidades do Ensino Fundamental que trazem explicitamente os quadrinhos como objeto de interesse de ensino de leitura, como EF15LP04, EF15LP14, EF67LP28, EF69AR05, EF69LP05.

Inicialmente, discutiremos sobre os quatro níveis de leitura propostos, e da importância de levá-los em conta concomitantemente no processo de leitura, sobretudo em textos multimodais, como é o caso das charges. Os níveis discutidos são: o da decodificação, o da cognição, o da interação, o da significação. O nível da significação será abordado como o estágio final da leitura, quando leitura e produção textual (escrita ou oral) se encontram.

1 – Referenciais teóricos

1.1 Elementos de semiolinguística aplicados aos quadrinhos

Nossa base teórica é a Análise do Discurso Semiolinguística, vertente de Análise do Discurso muito aberta a incursões em outras áreas. Desde sua origem, o projeto semiolinguístico visava estudar materialidades textuais não restritas ao verbal. Assim, vemos que seu arcabouço teórico-metodológico se divide em duas grandes dimensões. A dimensão *Semio*, de “semiosis”, que evoca o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido, em diferentes sistemas semiológicos; e a dimensão *Linguística*, porque o material linguageiro principal é constituído pelas línguas naturais.

Com base nesse arcabouço teórico-metodológico, podemos dizer que todo texto carrega marcas de sua intencionalidade. Por intencionalidade,

⁷ As competências trabalhadas em cada nível da formação do aluno são agrupadas no documento em códigos alfanuméricos, sendo que o primeiro par de letras indica a etapa (Ensino Fundamental, Ensino Médio); o primeiro par de números indica o ano (de 01 a 09); o segundo par de letras indica o componente curricular (LP: Língua Portuguesa; AR: Artes); o último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial do ano ou do bloco de anos (BRASIL, 2018).

entendemos mais que a mera intenção do autor. Intencionalidade é o conjunto de fatores que direcionam um texto a um objetivo, a uma finalidade, dentro de uma situação de comunicação. Assim, a intencionalidade de um texto traz marcas de um projeto de discurso que agencia a semiotização do mundo (Charandeau, 2004, 2005, 2008).

O processo de semiotização do mundo é o processo pelo qual os sujeitos constroem sentidos na interação em uma situação de comunicação. Ele se dá pela tomada de um mundo a significar (o referencial) transformado em um mundo significado pelas semioses envolvidas na comunicação. Em seguida, esse mundo significado (materializado em textos) é objeto de uma transação entre os sujeitos, que é a comunicação.

Figura 1: Diagrama Processo de semiotização do mundo



Fonte: Charaudeau, 2005. Acervo dos autores.

O sujeito, para poder se inscrever no mundo dos signos, significar suas intenções e comunicar, necessita de referências, que estão registradas em sua memória. Essas referências aparecem, no quadro teórico, sob três formas: uma memória discursiva; uma memória das situações de comunicação; uma memória das formas e signos. Associando a perspectiva semiolinguística à proposta de análise de quadrinhos, podemos afirmar que ler quadrinhos é saber que:

- a) Os gêneros quadrinísticos são vários: tiras, histórias em quadrinhos, romances gráficos, charges, etc., e estão ancorados num domínio discursivo que podemos chamar de Quadrinhos, com Q maiúsculo. Reconhecer esse domínio é diferenciá-lo de outros, como a Literatura, o Cinema, o Teatro, o Jornalismo, etc. É a memória discursiva;

- b) As situações de comunicação em que os gêneros dos Quadrinhos circulam podem variar imensuravelmente, bem como os seus tópicos abordados. Assim temos a possibilidades de vários contratos de comunicação e várias intencionalidades semiotizadas nos gêneros quadrinísticos. É a memória das situações de comunicação;
- c) Por fim, que os gêneros quadrinísticos se engendram por meio de uma semiótica própria, que transcende a mera junção de palavras e imagens, fazendo uso de signos icônicos, plásticos e linguísticos (opcionais). É a memória das formas e signos.

Esses são os pressupostos básicos que nortearão nossa leitura do quadrinho. Pelas limitações de espaço, não abordaremos toda a complexidade da proposta semiolinguística neste artigo.

1.2 Concepções de leitura voltadas ao texto quadrinístico

Ler não é meramente decodificar o sistema, mas qualquer leitura precisa passar pela fase de decodificação. A leitura de quadrinhos exige do leitor familiaridade com o sistema de signos que lhe é característico, sistema esse que engloba signos figurativos, plásticos, verbais e não verbais (Joly, 2007). Só depois de transpor o nível da decodificação, é que o leitor conseguirá galgar o nível da cognição, muito embora essa passagem não seja exatamente mensurável, uma vez que o leitor proficiente aciona vários níveis de leitura ao mesmo tempo, em frações de segundos.

O texto, considerado em sua materialidade, serve de *input* e é processado pelo leitor, que realiza diversas operações simultâneas e integradas, gerando, a cada momento, sentidos que podem ser mantidos, enriquecidos, reconstruídos ou modificados a cada segundo da leitura. O leitor deve realizar inúmeras operações para a construção dinâmica [...] de redes referenciais, cadeias causais, relações de tempo e espaço, relações lógico-discursivas entre outras, que requerem sempre muitas e diversas operações inferenciais. (Coscarelli; Novais, 2010, p. 38).

É também o próprio texto que delimita o seu leitor, através de componentes em sua superfície textual. Sendo assim, por um lado, “o autor

pressupõe, mas, por outro, *institui* a competência do próprio Leitor-Modelo” (Eco 1979, p. 40). Eco (1979) elenca alguns exemplos esclarecedores desse processo de instituição do leitor, como a escolha de uma língua (que exclui quem não a fala), a escolha de um tipo de conhecimento enciclopédico, a escolha de sinais de gênero que selecionam a audiência, etc. No caso dos gêneros quadrinísticos, a semiose própria da Nona Arte se apresenta como elemento delimitador do leitor. Às vezes, essa semiose é um obstáculo não transponível nas escolas, em boa parte, devido à falta de letramento visual.

Para Kleiman (2002), a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: “o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida” (Kleiman, 2002, p. 13). Embora o conhecimento prévio seja fundamental para a compreensão da charge, seu caráter político estabelece com o público uma área polêmica de construção de sentidos. Portanto, “o sujeito leitor (assim como o texto) se constrói em um contexto social. Ao se expressar, o emissor do texto revela marcas de sua individualidade, produto de suas características psicológicas e socioculturais” (Dell’Isola, 1996, p. 72).

Defendemos que o percurso de leitura tem como fim não apenas a compreensão, mas a significação do mundo. A proposta de uma leitura crítica do mundo consiste em ver que o nível mais básico de significação é ideológico, pois “o centro de gravidade da língua [ou de qualquer outro sistema semiótico] não está na adequação à norma da forma em uso, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto” (Bakhtin, 2010, p. 96). Assim, o leitor de quadrinhos proficiente é capaz de ver o texto quadrinístico como virtualidade, como possibilidade de sentidos.

Reconhecer e utilizar os processos de leitura de quadrinhos “como ferramenta pedagógica parece impor-se como necessidade, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos” (Mendonça, 2005, p. 207).

A leitura de quadrinhos é, portanto, uma atividade de esforço intelectual muito coerente com as diversas práticas discursivas atuais. Acreditamos que ler “quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la, mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula” (Ramos, 2009, p. 30). Nesse sentido,

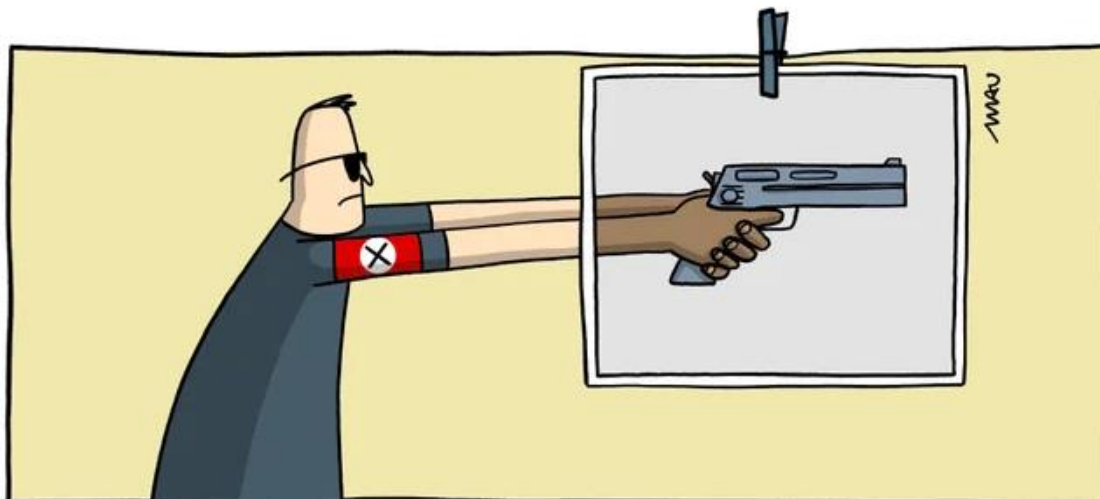
Nota-se que as competências discursivas necessárias à leitura desses textos ainda são pouco desenvolvidas nas escolas e, portanto, tem-se a ilusão de que qualquer quadrinho oferece as mesmas possibilidades de trabalho. Em uma época em que a imagem tem assumido um papel proeminente na comunicação, é preciso ficar atento às formas de letramento visual e às competências discursivas exigidas para a leitura de imagens. (Costa; Simoes, 2012, p. 85)

Ainda que um quadrinho possa não ter palavras, como é o caso da charge de Mau, sua produção e interpretação se utilizam da matéria linguística em um processo de semiotização do mundo (Charandeau, 2005). A semiotização do mundo como processo de significação se realiza em uma dimensão macro de produção e/ou interpretação de discursos, conjugando diferentes semioses, sendo a língua a principal delas. A semiotização do mundo é o colocar em funcionamento as semioses envolvidas na produção de sentidos, não estritamente na produção textual. Portanto, ler é produzir sentidos, que podem, por sua vez, ser novamente materializados em outros textos.

2 – A sequência didática

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual. As propostas a seguir foram pensadas para o Ensino Médio por causa da natureza dos *corpora* escolhidos: duas charges, que, como mencionamos, exigem do leitor conhecimento aguçado da situação política do país.

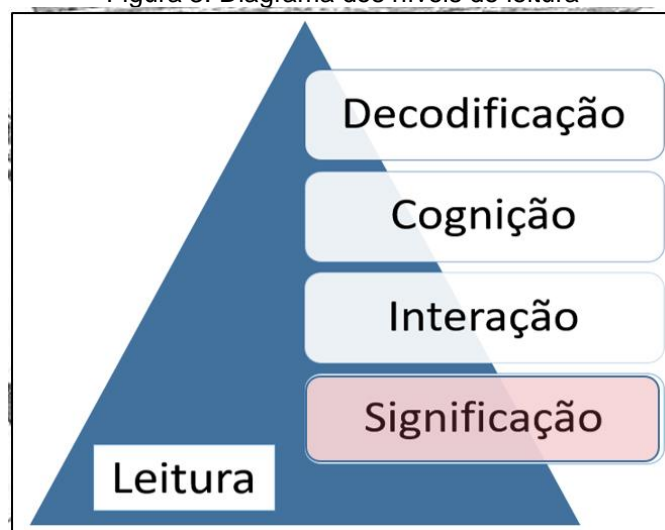
Figura 2: Charge de Mau



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/jorgeomau/>. Acesso em: 12 out. 2023.

Dividimos a abordagem em cinco momentos: da apresentação inicial até o módulo 4, e em cada momento, um nível de leitura deve ser trabalhado conforme a divisão metodológica que estabelecemos: o da decodificação, o da cognição, o da interação, o da significação. O diagrama seguinte ilustra nossos procedimentos de abordagem da leitura.

Figura 3: Diagrama dos níveis de leitura



Fonte: Elaborado pelos autores.

Abordaremos, em cada nível, as duas charges. Como a proposta se apresenta como sugestão, o professor pode optar por abordar outro gênero quadrinístico mais adequado aos seus propósitos.

Ao longo da sequência didática, o aluno deverá demonstrar proficiência em cada nível, sendo que a significação a partir do texto analisado indicará sua capacidade de dar respostas satisfatórias para cada nível de leitura. O nível da significação na leitura é avaliado ao longo da passagem pelos demais, por meio das perguntas dirigidas que visam cobrir aspectos específicos esperados na proficiência de cada nível. “Nas atividades de leitura, a exploração de aspectos vários da produção de sentido é a base das atividades” (Mendonça, 2005, p. 203). A proposta é que o aluno vá interagindo com o texto, fazendo inferências e construindo o seu significado gradualmente. Essas perguntas funcionam como processo de leitura e avaliação, pois possibilitam diagnosticar lacunas na aprendizagem em cada nível supracitado.

2.1 Apresentação inicial: os gêneros dos quadrinhos e sua linguagem

Trabalhar com gêneros quadrinísticos em sala de aula exige que o professor tenha familiaridade com sua linguagem; do contrário, a prática de leitura pode tender à superficialidade ou se limitar ao estrato verbal desses textos, dando a impressão de que a parte imagética é mera ilustração facilitadora.

Essa relativa facilidade [de leitura] pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que “ler quadrinhos é muito fácil”. Encontramos tal crença [...] até em manuais destinados a orientar professores no uso pedagógico [...]. Diante dessa suposição, a escola se omitiria de explorar as potencialidades pedagógicas das HQs ou as subestimaria como objeto de leitura... (Mendonça, 2005, p. 202).

Para superar o preconceito atrelado aos quadrinhos, é importante que o professor busque compreender a sua linguagem, bem como os aspectos sociodiscursivos dessa arte. Para isso, vasculhar a bibliografia da área é fundamental.

Neste trabalho, conforme Alves-Costa (2021), partimos da concepção de Quadrinhos como área relativamente autônoma, que pode ser considerada como uma instituição discursiva, tal qual concebemos outras áreas, como a Literatura, o Cinema, as Mídias, a Música etc. Essas instituições elegem, pela prática discursiva, algumas produções textuais como mais características, mais

representativas de sua institucionalidade. Ou seja, podemos dizer que os Quadrinhos, a Literatura, o Cinema, a Música, etc., são agenciados por meio de gêneros textuais mais ou menos centrais: aquilo que dá a essas instituições a sua singularidade no vasto panorama de produção cultural.

No entanto, essas instituições não são fechadas em si: elas dialogam umas com as outras em maior ou menor grau. Por isso, alguns gêneros quadrinísticos tendem a ocupar lugares limítrofes entre instituições: o romance gráfico, por exemplo, é erroneamente tomado como gênero literário periférico por aqueles que desconhecem as pesquisas de quadrinhos, que os reconhecem como gêneros quadrinísticos no centro do campo; da mesma forma, o gênero charge ocupa espaço no ambiente jornalístico desde a sua origem, mas figura naturalmente junto às bandas desenhadas, sobretudo no cenário francófono, de modo que podem ser tomadas como gênero quadrinístico.

Vale ressaltar que qualquer teoria de gêneros textuais ou discursivos será tanto mais operacional quanto for capaz de permitir generalidades sobre as produções textuais, ao invés de categorias estanques. Como um gênero de quadrinhos, a charge traz elementos gráficos comuns a outros gêneros quadrinísticos, como balões, requadro, desenho, por exemplo. A história em quadrinhos, propriamente dita, seria um dos gêneros quadrinísticos, ou hipergênero, não a totalidade da produção quadrinística. Nem todo gênero quadrinístico conta, de fato, uma história. Há, por exemplo, tiras com teor filosófico que, embora façam uso do requadro, das calhas e da sequencialidade, não contam uma história, não são narrativas, e, sim, argumentativas.

Seja qual for a abordagem macro e/ou micro do texto quadrinístico, o professor deverá conhecer aspectos básicos da sua semiótica. Para isso, pode lançar mão de alguns teóricos, tais como os arrolados neste trabalho. Devido à limitação de espaço, não é objetivo deste trabalho detalhar a semiótica dos quadrinhos. Faremos, pois, uso dessas noções durante a prática de leitura a seguir.

2.2 Módulo 1: avaliação da leitura no nível da decodificação

Segundo Solé (1998, p. 52), “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar”. Mas essa primeira operação da leitura, a decodificação, não deve

ser tomada como a totalidade do processo, uma vez que “determinadas histórias em quadrinhos demandam estratégias de leituras sofisticadas, além de alto grau de conhecimento prévio, sendo quase destinadas apenas aos ‘iniciados’” (Mendonça, 2005, p. 202).

Para a primeira fase do trabalho de ensino e diagnóstico de leitura, o professor direcionará perguntas que visem averiguar a capacidade do aluno de reconhecer os elementos sógnicos dos quadrinhos. Essas perguntas podem variar muito, a depender do quadrinho selecionado para leitura. O mais importante é que elas sejam basilares o bastante para garantir uma resposta parafrástica do aluno, ou seja, o aluno deverá apenas descrever o que está vendo na superfície textual. Não há nenhum problema em fazer perguntas aparentemente óbvias. O que parece óbvio para um leitor proficiente de quadrinhos talvez não o seja para um leitor iniciante.

No caso de textos multimodais, ou seja, daqueles textos compostos por várias modalidades sógnicas que não só a verbal, o leitor precisa reconhecer outras unidades além do léxico verbal, ou seja, precisa perceber as unidades dessas outras modalidades e integrá-las. Imagem, som, movimento, design são categorias de signos organizadas por elementos de natureza diversa, que precisam ser decodificados em unidades que vão contribuir para a construção do sentido. (Coscarelli; Novais, 2010, p. 39).

Assim, as perguntas aqui sugeridas requerem do aluno a capacidade de descrever, de maneira objetiva, o que os signos figurativos e plásticos estão representando. Para cada pergunta, mostraremos uma possível resposta satisfatória para servir de parâmetro ao professor. Retomemos a charge de Mau.

a) Descreva o que você está vendo na charge.

R.: homem branco, cabelo curto, óculos escuros, camisa azul marinho, detalhe vermelho e branco com um X na manga, braços espichados. Mãos negras segurando uma arma, aparentemente, em uma foto pendurada por pregador de roupa na linha do requadro.

Essa é uma questão prototípica. Pode ser aplicada a qualquer obra de quadrinhos. É importante que o professor oriente o aluno a descrever apenas o

que está vendo nas figurações. Esta etapa vai diagnosticar a capacidade do aluno de ler além de palavras.

b) Quantos planos visuais há na charge?

R.: aparentemente dois: um com fundo amarelo, com um homem branco; outro com fundo cinza, com uma pessoa negra.

c) O que a pessoa negra está segurando?

R.: uma arma.

d) O que o homem branco está segurando?

R.: podemos inferir que seja uma arma.

Essa última questão se abre para o próximo nível de leitura e avaliação, no qual o professor vai explorar a capacidade do aluno de fazer associações.

2.3 Módulo 2: avaliação da leitura no nível da cognição

O sentido de um texto é construído mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico e/ou semiótico, o intertextual, o conhecimento de mundo. A leitura é considerada um processo interativo porque o leitor emprega precisamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si. Sem o engajamento de todo esse conhecimento prévio do leitor não há compreensão. (Kleiman, 1989). Assim,

[...] a leitura não pode ser vista como uma atividade realizada apenas com elementos verbais e nem como uma atividade cujo resultado é sempre único e previsível. Precisamos entender a leitura como envolvendo o trabalho com outros sistemas de signos além do verbal, que, assim como este, têm seus elementos, sua estrutura e suas formas de funcionamento, que, juntamente com o verbal, fazem surgir novos textos e exigem formas de ler particulares. (Coscarelli; Novais, 2010, p. 41).

O texto é a materialização do discurso, e pode acontecer por múltiplas naturezas semióticas, como imagens, por exemplo. A materialização do discurso é sua semiotização. Assim, podemos dizer que o processo de leitura é

essencialmente multimodal, pois o leitor deve levar em conta diversos tipos de saberes para a construção de um sentido pertinente ao texto, mesmo que o texto em questão seja, aparentemente, monomodal.

Continuando a leitura dirigida da charge, retomamos a questão anterior.

a) Como você pode afirmar que o homem branco está segurando uma arma?

Que recurso foi usado para essa inferência?

R.: a foto que sobrepõe as mãos do homem branco faz continuidade com as mãos negras. Há uma relação de coesão entre os dois planos. As mãos negras ocupam o mesmo lugar que as mãos brancas.

Para a formulação dessa pergunta, apoiamo-nos no conceito de solidariedade icônica cunhado por Groensteen (2015) que explica a coesão entre os elementos dos quadrinhos:

Definiremos como solidárias as imagens que participam de uma sequência, apresentando a dupla característica de estarem apartadas [...] e serem plástica e semanticamente sobredeterminadas pelo simples fato da sua coexistência *in praesentia* (Groensteen, 2015, p. 27-28).

b) Por que esse recurso foi utilizado? Há uma intencionalidade no texto? Qual?

R.: esse recurso foi usado para esconder o crime do homem branco, atribuindo a culpa a uma pessoa negra. A charge deve estar fazendo alusão a algum crime envolvendo um homem branco.

O professor pode reforçar a interpretação do aluno trazendo algum texto relacionado. No caso da charge em questão, a chamada de matéria do jornal O Estado de S. Paulo e uma tira de Lafa, a seguir, mostram como a charge de Mau pode ser lida como resposta ao modo como a matéria sobre o ataque na escola foi veiculada.

Figura 4: Matéria de *Estado de S. Paulo*



Fonte: Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/criticado-estadao-troca-foto-de-mao-negra-segurando-arma/>. Acesso em: 14 out. 2023.

Figura 5: Tira do Lafa



Fonte: Disponível em: <https://twitter.com/UltraLafa/status/1596648206578126850>. Acesso em: 14 out. 2023.

2.4 Módulo 3: avaliação da leitura no nível interação

De acordo com Koch e Elias (2018), “a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos”, e que se realiza na articulação dos elementos presentes na superfície textual com o vasto conjunto de saberes extratextuais.

Isso significa que todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (Koch, 2016, p. 59).

Assim, neste ponto de leitura, espera-se que aluno tenha demonstrado habilidades de leitura satisfatórias para estabelecer relações intertextuais.

a) A que você relaciona o detalhe vermelho na manga da camisa do homem branco?

R.: parece o símbolo nazista.

O aluno pode não conhecer o símbolo como suástica, portanto, qualquer alusão que ele faça à simbologia nazista pode ser considerada uma resposta satisfatória. O professor pode confirmar a relação que o aluno estabeleceu trazendo outros textos. No caso da charge escolhida, uma matéria da Carta Capital sobre o atentado em questão reforçaria a leitura do aluno.

Figura 6: Matéria da Carta Capital



Fonte: Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-encontra-armas-e-roupas-com-simbolos-nazistas-na-casa-do-atirador-do-es/>. Acesso em: 14 out. 2023.

2.5 Módulo 4: Avaliação da leitura no nível da significação

A leitura proficiente articula os três níveis já apresentados. O nível da significação é, por sua vez, resultado da articulação satisfatória desses níveis. Portanto, a avaliação da leitura no nível da significação, ou seja, da produção de sentidos, ocorre através da atividade de produção textual empregada nos módulos anteriores. Ler bem é atribuir sentidos ao mundo em um processo pluridimensional, que articula diferentes níveis de habilidades leitoras, e uma forma de verificar essas habilidades é a produção textual.

3 – Considerações finais

Esta sequência didática vai ao encontro da necessidade cada vez mais emergente de ensinar a leitura de imagens. Atrelada a essa necessidade, destaca-se a presença proeminente das charges nas mais variadas mídias e sua natureza política e crítica, sendo um gênero quadrinístico sempre atual em relação a assuntos polêmicos. Ademais, é preciso pensar e ensinar a leitura de maneira holística, sem desprezar ensino de leitura dos níveis mais básicos, como os dos códigos. Qualquer leitura crítica passa obrigatoriamente por esse nível, pois, segundo Bakhtin (2010), é da natureza do signo ser ideológico.

Trabalhar leitura de quadrinhos nas escolas ainda é um desafio, devido à falta de familiaridade com o sistema semiótico desses gêneros. A abordagem gradual, do nível do código ao nível da interação, construindo uma resposta significativa ativa, cabe para outros gêneros multimodais também. Por isso, é fundamental que os cursos de Letras deem atenção aos gêneros quadrinísticos como objeto de pesquisa na formação de leitores. Os quadrinhos são, portanto, um objeto que, além de promover o aprendizado satisfatório da leitura, tensiona as velhas teorias voltadas mais para o texto verbal.

REFERÊNCIAS

ALVES-COSTA, Lucas Piter. *Quadrinhos: autorialidade, práticas institucionais e interdiscurso*. [livro eletrônico]. Catu: Bordô-Grená, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/alvescostabordogrena>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 09 out. 2023.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analisesemiolinguistica-do.html>. Acesso em: 02 nov. 2019.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COSCARELLI, C. V.; NOVAIS, A. E. Leitura: um processo cada vez mais complexo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8118/5807>. Acesso em: 06 jun. 2018.

COSTA, L. P. A.; SIMÕES, A. C. Reflexões sobre a leitura de quadrinhos: da interpretação à produção textual. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 73-87, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1209>. Acesso em: 30 ago. 2023.

DELL'ISOLA, R. L. P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (Org.). *As múltiplas facetas da linguagem*. Brasília: UNB, 1996, p. 69-75.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

ECO, Umberto. O leitor-modelo. In: ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. p. 35-49.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus Editora, 2007.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. V. A construção dos sentidos no texto: intertextualidade e polifonia. In: KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 59-74.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 194-207.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

Recebido em: 08.10.2023

Aprovado em: 14.10.2023



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional